

Notícia do projeto “Repertório léxico digital de dúvidas espanhol-português na perspectiva histórico- contrastiva”

*News about the project
for the elaboration of the
“Digital lexical repertoire of
Spanish-Portuguese doubts”
in the historical-contrasting
perspective*

José Alberto MIRANDA POZA (UFPE)
ampoza@globo.com

Recebido em: 05 de set. de 2020.
Aceito em: 26 de nov. de 2020.

MIRANDA POZA, José Alberto. Notícia do projeto “Repertório léxico digital de dúvidas espanhol-português na perspectiva histórico-contrastiva”. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 11, n. esp., e2072, p. 284-312, mar. 2022. DOI: 10.22168/2237-6321-11esp2072.

Resumo: No presente trabalho, noticiamos, problematizando-os, os parâmetros norteadores do projeto intitulado “Repertório léxico eletrônico digital de dúvidas nas interfaces entre as línguas espanhola e portuguesa”, o qual objetiva a elaboração e implantação de um dicionário de dúvidas espanhol-português que inclui características não existentes até o presente. Nesse sentido, os verbetes, longe das características onomasiológicas ou de equivalentes lexicais que, pelo geral, apresentam os dicionários bilíngues, oferecerá informações semasiológicas referentes tanto ao sentido dos lemas quanto a quaisquer outros elementos linguísticos, sejam eles de caráter fônico, morfossintático ou pragmático, conducentes à resolução da eventual dúvida do usuário. Revisitaremos os âmbitos da linguística contrastiva e da linguística histórica na elaboração dos artigos, o que vai permitir oferecer, além de uma visão panorâmica da questão, uma resposta focada no porquê do fenômeno – e não apenas na mera descrição de um fato –, finalidade inescusável de toda aproximação científica ao seu objeto de estudo. Equipes interdisciplinares de professores, técnicos e estudantes da Universidade Federal de Pernambuco e

da Universidade de Salamanca (Espanha) executarão o projeto. Não há atualmente nenhuma publicação semelhante que apresente, ao mesmo tempo, as informações elencadas. Por sua vez, o suporte digital representa o futuro das publicações lexicográficas, uma vez que garante a acessibilidade universal e gratuita, facilita seu uso por parte dos sujeitos consultores, abrindo o leque de possibilidades que o formato em papel impedia. O projeto em tela colocará em evidência os estudos em Linguística aplicada (Lexicografia, Ensino-aprendizagem de línguas), em Linguística histórica e em Linguística contrastiva realizados no Brasil pela repercussão, em termos de internacionalização destes, tendo em vista a colaboração direta neste projeto da Universidade de Salamanca (Espanha), instituição de referência mundial há décadas no Ensino da Língua Espanhola para Estrangeiros.

Palavras-chave: Dicionário digital de dúvidas espanhol-português. Linguística contrastiva. Linguística histórica.

Abstract: In the present work, we report, problematizing them, the guiding parameters of the project entitled “Digital electronic lexicon of doubts at the interfaces between Spanish and Portuguese languages”, which aims to elaborate and implement a Spanish-Portuguese doubts dictionary that includes characteristics that do not exist to date. In this sense, the entries, far from the onomasiological characteristics or lexical equivalents that, in general, present the bilingual dictionaries, will offer semasiological information regarding both the meaning of the slogans and any other linguistic elements, whether of phonic, morphosyntactic or pragmatic character, leading to the resolution of the user’s eventual doubt. We will revisit the areas of contrasting linguistics and historical linguistics in the elaboration of articles, which will allow us to offer, in addition to a panoramic view of the question, an answer focused on why the phenomenon—and not just on the mere description of a fact—, an inexcusable purpose of any scientific approach to its object of study. Interdisciplinary teams of professors, technicians, and students from the Federal University of Pernambuco and the University of Salamanca (Spain) will implement the project. There is currently no similar publication that presents the listed information at the same time. In turn, digital support represents the future of lexicographic publications, since it guarantees universal and free accessibility, facilitates its use by consulting subjects, opening the range of possibilities that the paper format prevented. The project on-screen will highlight the studies in Applied Linguistics (Lexicography, Language Teaching, and Learning), in Historical Linguistics and in Contrasting Linguistics carried out in Brazil by the repercussions, in terms of their internationalization, in view of the direct collaboration in this project of the University of Salamanca (Spain), a world reference institution for teaching Spanish to foreigners for decades.

Keywords: Spanish-Portuguese digital dictionary of doubts. Contrasting linguistics. Historical Linguistics.

Lexicografia, Lexicologia e questões conexas

Uma das perguntas habituais dos estudantes de língua estrangeira e também dos alunos de língua vernácula é a seguinte: “—Professor(a), qual é o “melhor” dicionário para que eu o compre?” É sabido que não há uma resposta a essa pergunta que resulte completamente satisfatória, porque, na verdade, muitas vezes a resposta se reduz simplesmente a: “—Depende” (MIRANDA POZA, 2009, p.11).

Ainda mais, entre os materiais complementares que são adquiridos pelos estudantes quando a cada ano começa o curso escolar, é difícil não encontrar na lista a recomendação de comprar um dicionário–inclusive, a cada ano é requerido um novo dicionário. Isso acontece porque este tipo de obra, de modo geral, apresenta uma diferença essencial que pode ser percebida de forma imediata: o tamanho. E, do ponto de vista econômico, a maior tamanho, maior preço. Mas e o conteúdo? Quanto maior for o tamanho e o preço do dicionário será também melhor e maior seu conteúdo? Eis que aqui entramos em um novo problema que pode ser denominado de negócio editorial, assunto que, no âmbito da Lexicografia, não é algo estranho, nem recente (MIRANDA POZA, 1994; 2017).

Apenas essas duas colocações são suficientes para começarmos a analisar algumas questões referentes ao campo da Lexicografia. A primeira se refere ao número de palavras ou lexemas de que consta um dicionário dado. Nesse sentido, será que é melhor aquele dicionário que contém mais palavras que outro? Qual seria o número de vozes que permite conceber um dicionário como aceitável ou bom? Por que dizemos que esse dado é importante? Ao consultarmos qualquer dicionário, aparece de forma clara e inequívoca a frase: “Dicionário completo da língua X, que contém 20.000 vozes/vocábulos... com mais de 5.000 vozes/palavras..., etc.” Então, um raciocínio imediato convidaria a pensar que se o tal dicionário que contém 20.000 palavras definidas é mais caro, será melhor que aquele que apenas contém 10.000? Em definitivo, o que significaria aqui “melhor”?

Falamos de palavras. O que quer dizer quem escreve essas informações na capa ou na contracapa do dicionário ao fazer menção do termo “palavra”? Porque, num primeiro momento, pareceria quase óbvio concordar com o fato de os dicionários serem definidos na Teoria Lexicográfica como repertórios léxicos, isto é, repertórios de “palavras”. Só de “palavras”? Todos os verbetes dos dicionários têm como primeiro elemento, estritamente falando, “palavras”? É evidente que não.

Mas o que entendemos por “palavra”? Se falarmos de algo próximo com “unidade léxica ou de significado (sentido)”, é evidente que essa suposta unidade de significado recai sempre em uma palavra. E, também, que o conceito de unidade de significado pode ser aplicado a unidades menores que a palavra, que podemos denominar “morfemas”, embora o que importe agora não seja a denominação, mas o conceito subjacente. Nesse sentido, se aceitarmos que existe significado pleno em unidades menores que não são a palavra, os dicionários deveriam também incluí-las sistematicamente?

Quando tomamos em conta o valor intrínseco de um dicionário, acaso não estamos falando também de expectativas referentes às definições – e ainda a outras informações – que esse dicionário nos oferece? Então, nesse sentido, para outorgar a um dicionário o qualificativo de “melhor do que outro” ou simplesmente “bom”, dever-se-ia tomar em conta o número de definições (e informações) que oferece nos verbetes? Entramos aqui no campo das crenças do usuário.

Até aqui estamos falando dos dicionários como repertórios que oferecem definições de certas unidades, qualquer que seja a sua natureza, não importa por enquanto essa discussão. Todas as obras denominadas “dicionário” apresentam “definições” de determinadas unidades linguísticas? Dito de outra forma: sem “definição” não há “dicionário”? Aqui abrimos o leque da tipologia dos dicionários. Nesse sentido, há dicionários que não oferecem apenas “definições” de uma determinada unidade, senão também “outras informações” bem diversas; às vezes, inclusive apenas equivalências com outras unidades da mesma língua ou de outra língua. De novo, a pergunta: será “melhor” aquele dicionário que contém outras/mais “informações”, além da mera “definição”? Ainda mais: as ditas de “outras informações” são necessárias/obrigatórias? Sempre?

Continuamos falando de “tipologia”. Há dicionários, como foi apontado, que contêm as equivalências entre unidades de significado pertencentes a duas ou mais línguas. Quando procuramos uma unidade léxica nesse tipo de dicionários, o que queremos encontrar é o significado dessa unidade ou apenas a palavra ou conjunto de palavras equivalentes na outra língua? E, nesse caso, seria adequado afirmar que nos dicionários procuramos sempre o significado (sentido) das palavras? Cabe falar aqui de expectativas do usuário.

Ficamos satisfeitos por completo quando consultamos o significado de uma palavra/unidade léxica em um, dois, ou mais dicionários diferentes de uma mesma língua? Se, por acaso, encontrarmos em um texto uma determinada palavra, mesmo se é do nosso conhecimento, mas não sabemos com precisão o que nesse contexto significa (“quer dizer”), isto é, o valor específico que nele apresenta, começamos o processo de busca (pesquisa) pelos diferentes dicionários, e, às vezes, não encontramos o valor, o “sentido” preciso (contextual) que essa unidade tem. Falamos das relações entre “significado” e “sentido”. O sentido é a atualização efetiva do potencial significativo de uma palavra (ou grupo de palavras). Daí que o dicionário representaria pouco menos

que uma ferramenta engessada e obsoleta incapaz de dar conta dos “sentidos” que, efetivamente, as unidades léxicas (isoladas ou em conjunto) atualizam na prática linguística (seja ela oral ou escrita).

Em resumo: no início, partíamos de uma pergunta simples, básica, que todo professor alguma vez já ouviu em sala de aula por parte dos estudantes. Para responder a essa pergunta com certo rigor, é preciso revisitar o campo da Lexicografia, porque surgem outros termos e conceitos a ela atrelados (WELKER, 2004): glossário, vocabulário, enciclopédia e suas combinações, que podem chegar até o infinito – dicionário enciclopédico, tesouro (lexicográfico), (dicionário de) concordâncias, etc. Só simplificando as coisas, para começar, é comumente aceita a proposta genérica oriunda de Alvar (2001, p.17 — tradução nossa):

O “Dicionário” propriamente dito contém a língua geral. O “Léxico” contém as palavras de um autor ou de uma obra. O “Glossário”, por sua vez, contém as palavras que apresentam certa dificuldade ou obscuridade (de novo, aqui, para alguns, obscuras e difíceis para quem ou a partir de qual imaginário?). Por fim, o “Vocabulário” contém uma parte dos vocábulos de uma língua, estabelecida a partir de critérios que denotam uma concepção específica do que é “língua” (talvez, “norma”, de novo “geral”/“particular-específico”).

Escolhemos, para denominação no projeto objeto de notícia neste trabalho, o termo “repertório léxico” porque engloba todas as possibilidades técnicas apontadas, além de constituir por si a definição do que é um dicionário, qualquer que seja sua tipologia.

Uma classificação tão simples comporta problemas teóricos e práticos. Evocamos as intermináveis listas que elencam “tipos de dicionários”, estabelecidas sob critérios de diferente teor, a partir de concepções bem diferentes da linguagem das línguas: gerais, particulares, regionais, dialetais, normativos, bilíngues, plurilíngues, de tecnicismos, de termos quotidianos, históricos, etimológicos, reversos, ideológicos, de frequências, de concordâncias, de dúvidas (e curiosidades da língua), eletrônicos/digitais. Tais classificações vêm sendo oferecidas com maior ou menor sucesso nos trabalhos especializados em Lexicografia. Registramos aqui as contribuições de Rey-Debove (1970) e Zgusta (1971), pioneiros dos estudos em Lexicografia teórica na Europa; Al-Kasimi (1977), em especial, na análise dos dicionários bilíngues; Malkiel (1959a; 1959b; 1967), a partir dos critérios de abrangência, perspectiva e apresentação; Haensch (1982) e, na mesma linha, Hausmann (1985), com abundantes referências a textos concretos, propõem dois eixos

tipológicos: do ponto de vista da teoria linguística e a partir de critérios histórico-culturais; Martínez de Sousa (1995), que chega a propor (e a descrever) até 150 tipos de dicionários; ou por fim, as referências que de todos eles elaboram Welker (2004) ou Miranda Poza (2017).

Esses problemas e outros semelhantes devem ser postos em discussão quando tentamos oferecer uma resposta à pergunta inicial realizada pelo estudante. Mas, ainda, esses mesmos assuntos devem nortear de forma obrigatória a elaboração de novos dicionários ou repertórios léxicos que respondam às necessidades reais dos usuários, para não continuar oferecendo produtos semelhantes. Nosso foco é a aprendizagem de línguas estrangeiras, mais concretamente, no eixo espanhol-português. Como um novo dicionário “de dúvidas”, a partir de uma abordagem histórica, pode contribuir positivamente nos processos de ensino-aprendizagem?

Ensino de línguas, dicionários, repertórios lexicográficos

No mundo atual, globalizado, é de absoluta importância o conhecimento de línguas estrangeiras, antes ou ainda denominadas, conforme a perspectiva de estudo (ALMEIDA FILHO, 1993), “segundas”, com a possibilidade de ter mais de uma língua dentro do mesmo país e ainda no próprio imaginário e no quotidiano do falante, “meta”, denominação atrelada ao ensino formalizado de línguas não maternas, ou adicionais, conforme o postulado, dentre outros, por Souza e Santos (2019, p. 20), pois “a denominação ‘estrangeira’ traz conotações que remetem ao alheio, diferente, oposto”.

Além da precisão terminológica, o que interessa é focar o assunto na necessidade de formação em língua estrangeira de professores e estudantes. Porém, já tivemos ocasião de mostrar a pouca atenção que os Órgãos de Fomento vêm prestando ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil, o que atinge a formação universitária em línguas estrangeiras e as especificidades dos Programas de Pós-Graduação em Letras e em Linguística. As apreciações vertidas valem no que se refere ao ensino-aprendizagem da língua espanhola em termos gerais (MIRANDA POZA, 2010a), à situação específica pouco antes do Decreto Mendonça de revogação da chamada Lei do Espanhol (MIRANDA POZA, 2016) e às discussões acadêmicas a propósito do campo de ensino da língua espanhola para fins específicos nos estudos universitários de Turismo (MIRANDA POZA, 2019).

Cabe lembrar algumas afirmações que, nesse sentido, foram feitas:

Falta ainda uma questão que deve ser resolvida e que é fundamental do nosso ponto de vista [...] É surpreendente que, no Brasil, não tinham sido desenvolvidas, em paralelo à criação de Licenciaturas Plenas em línguas estrangeiras, linhas de pesquisa prioritárias nessas línguas. (MIRANDA POZA, 2019, p. 195 – tradução nossa)

De fato, “apenas as universidades de São Paulo e Rio de Janeiro oferecem pós-graduação em Língua Espanhola” (MORENO FERNÁNDEZ, 2005, p 30, apud MIRANDA POZA, 2016, p. 49 – tradução nossa). O projeto relatado neste artigo representa uma contribuição destinada a palear tais carências, embora esteja dentro de uma Área de Conhecimento genérica, Linguística, e não uma mais específica, como Línguas Estrangeiras Modernas.

Além disso, nosso projeto de elaboração de um dicionário digital de dúvidas espanhol-português percorre a Área de Educação, na linha de pesquisa que se ocupa do Ensino de Línguas (estrangeiras, adicionais), e pretende oferecer subsídios no complexo eixo do ensino-aprendizagem, entendendo “complexo”, proveniente do latim *complexus*, conforme a Teoria da Complexidade de Morin (1991, p. 17), “o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal”. A argumentação histórica dos fenômenos estudados, a partir de um enfoque contrastivo, oferecerá uma análise panorâmica compreensiva pouco comum nas publicações que versam sobre o assunto em tela.

Nosso “dicionário de dúvidas” deverá ser uma obra de consulta na qual se oferece uma resposta concreta e argumentada às dúvidas sobre fenômenos referentes a uma língua. Nossa proposta consiste em selecionar verbetes que se revelem como conflitantes nas interfaces entre as língua espanhola e portuguesa, sejam elas de caráter fonográfico (pronúncia, acentuação, pontuação, grafias, etc.), morfológico (plurais, formação de femininos, formas irregulares da conjugação verbal), sintático (construção e regência, concordância) e, sobretudo, no plano léxico-semântico, em especial, no que se refere aos chamados “falsos cognatos”.

Cabe mencionar aqui que os “falsos cognatos” são objeto específico de um ambicioso macroprojeto em desenvolvimento, *Dicionários Contrastivos Português-Espanhol*, aos cuidados da professora

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Do projeto, temos notícias pontuais através de algumas publicações referentes aos princípios metalexiconográficos adotados (DURÃO, 2015a); ao teor e alcance do projeto em termos gerais (DURÃO, 2015b); às informações microestruturais (DURÃO; DURÃO, 2016); e, por fim, a um repertório bilíngue contrastivo de expressões idiomáticas formado a partir de alimentos (SOUZA; DURÃO, 2019). Ainda cabe salientar a publicação de um produto-piloto que dá início à série: *Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol* – DiFAPE (2014).

Contudo, cabe esclarecer que o nosso projeto não é incompatível, ao contrário, é complementar ao Dicionário que a professora Durão e sua equipe atualmente estão elaborando, até porque a abrangência do nosso projeto é maior, pois não está circunscrito apenas ao problema dos “falsos cognatos”. Inclusive, no que tange a este problema, o tipo de verbete vai responder, não apenas à necessidade de esclarecer o (suposto) equívoco entre as palavras e expressões envolvidas nas duas línguas, mas também, e sobretudo, à explanação do porquê, através de uma breve explicação histórica do fenômeno que causa o suposto estranhamento, a dúvida, a curiosidade e a dificuldade.

Cabe ainda acrescentar mais um aspecto referente aos dicionários de dúvidas. De um lado, as reservas que este tipo de dicionário evidencia, expostas por alguns críticos (CELADA; COSTA; BRIANEZI, 2015) a propósito do teor do *Diccionario Panhispánico de Dudas* (DPD) (2005). As autoras questionam a validade deste tipo de dicionários a partir de perspectivas teóricas que entendem que a análise linguística não pode ficar constrangida a parâmetros virtuais, estruturais ou formais. De outro, as considerações expostas com esse mesmo propósito por Haensch (2006), aludindo não apenas ao conceito de língua/linguagem que nele subjaz a respeito da diversidade e da variação da língua espanhola, mas sobretudo ao caráter normativo do tipo de dicionário. De outro, algumas afirmações vertidas a propósito dos dicionários de dúvidas em termos gerais e da tradição lexicográfica nas línguas portuguesa e espanhola por Brianezi (2014) na sua dissertação de mestrado, embora seu foco fosse o supracitado DPD.

Sobre dicionários eletrônicos/digitais cabe mencionar, dentre outras, as contribuições de Leffa (1991; 2001), referidas à compreensão de textos em língua estrangeira e à aprendizagem de línguas em geral (LEFFA, 2000). Defende Leffa, tomando sempre como ponto de referência a necessidade de buscar estratégias no ensino-aprendizagem de línguas

estrangeiras — fundamentalmente no caso do inglês — para a leitura de texto, com base nas teses interacionistas, sejam elas de abordagem cognitiva (STANOVICH, 1980) ou sociocultural (VYGOTSKY, 1999), a importância da consulta ao dicionário, no caso, na sua apresentação eletrônica.

Para Leffa (2000), na leitura em língua estrangeira, a questão fundamental é como levar o aluno de seu nível de conhecimento real ao seu nível potencial. Na abordagem sociocultural, a ideia fundamental é o Desenvolvimento Proximal, que vai construir o percurso que vai do que o aluno já sabe ao que ele está em condições de aprender se for ajudado através de construtos oriundos da interação das subjetividades professor-aluno. Na abordagem cognitiva, a ideia da interação se dá entre fontes de conhecimento do próprio indivíduo.

Nesse contexto, o dicionário eletrônico resulta essencial como estratégia de leitura, pois “o acesso instantâneo ao verbete reduz consideravelmente o tempo de consulta ao dicionário” (LEFFA, 2001, s. p.), além do fato de ele representar “uma subordinação ao texto, pois não se dá uma substituição do texto consultado pelo dicionário” (LEFFA, 2001, s. p.), o que é muito comum quando da consulta ao dicionário em papel.

Uma vez apresentados os dois eixos de referência para a elaboração de um repertório lexicográfico, o dicionário de dúvidas e o dicionário eletrônico, assim como a sinalização de um diferencial na nossa proposta, a perspectiva histórica, vamos analisar independentemente cada um deles.

A propósito dos dicionários de dúvidas: antecedentes lexicográficos na língua espanhola e na língua portuguesa

Os dicionários e repertórios léxicos de dúvidas respondem à necessidade de resolver possíveis dificuldades, erros, incorreções, curiosidades de uma língua, oferecendo uma resposta quanto aos usos considerados como corretos de uma língua, seja a espanhola, seja a portuguesa. Em outras palavras, seguindo Haensch (2006), esse tipo de dicionários (ou repertórios) pertence ao âmbito normativo da língua. Não há dúvida de que certos imaginários teóricos atuais a respeito do conceito de língua-usuário vs normativismo, academicismo, etc., manifestam suas reservas em relação à necessidade/utilidade desse tipo de dicionários. Não é outro o sentido do artigo supracitado da autoria

de Celada, Costa e Brianezi (2015) e da própria dissertação de mestrado de Brianezi (2014), também mencionada a propósito do teor ideológico que, no parecer das autoras, subjaz à elaboração do DPD (2005):

É conveniente realizar uma observação: as designações “integral” e “de dúvidas”, incorporadas ao âmbito da lexicografia em língua espanhola não são tão frequentes, ao que parece, em outras línguas (...) Debruçando-nos no termo “de dúvidas”, como uma língua passível de ser projetada na sua totalidade e, sobretudo, “explicada” para funcionar livre de incertezas, de ambiguidades — como diria Milner — podendo ser reduzida a um horizonte manso, livre de dúvidas, de falhas, e limpo de incorreções; isto é, uma língua fora de qualquer deslizamento equívoco. (CELADA; COSTA; BRIANEZI, 2015, p. 269-270 — tradução nossa)

Devemos estabelecer, nesse sentido, algumas breves precisões. A principal, que o intuito dos trabalhos de referência aprofundam no conturbado tema da diversidade da língua espanhola e a suposta supremacia da modalidade espanhola ou peninsular, entendida como base da norma pan-hispânica. Nesse sentido, as autoras se inclinam por não acatar uma concepção de língua tal que possa contemplar a existência de “uma” norma, ponto de referência, por sua vez, das eventuais respostas às dúvidas dos potenciais consultores. Assim, “os dicionários de dúvidas remitem a uma visão da língua estruturalista e, além do mais, sua resolução se vincula com um gesto: manter um ideal de língua equivalente ao que a norma culta projeta” (CELADA; COSTA; BRIANEZI, 2014, p. 282 – tradução nossa). Ora, se a norma representasse um empecilho para a mudança, por que muda, de fato, a própria norma de uma língua no percurso do tempo?

Não se trata, ao nosso parecer, de uma questão apenas de “norma” à qual deve submeter-se um sujeito, concepção que é apenas mais uma das possíveis interpretações ou recepções (aceitando, inclusive, que essa mesma possa ser a percepção do autor do dicionário em questão) a propósito deste tipo de dicionários. Pode tratar-se também de simples curiosidade, por parte do falante, a respeito de qualquer questão sobre sua própria língua, sem o aspecto normativo se fazer presente.

Contudo, convém afirmar que no ponto de vista das autoras subjaz uma concepção de “norma” como aquilo que é imutável e imposto por alguém, e não aquilo que é comum, local de encontro das diversidades. Só nessa interpretação, diferente da que nós propomos aqui, cabem afirmações vertidas na dissertação por Brianezi (2014, p.

19) a propósito da tradição lexicográfica dos dicionários de dúvidas em língua portuguesa: “como sujeitos da língua portuguesa – confessamos – nunca até então [o momento de analisar o DPD] havíamos entrado em contato com um ‘dicionário de dúvidas’ em português”.

Uma vez problematizado o conceito “de dúvidas” aplicado a dicionários e repertórios léxicos, ressignificamos esse mesmo conceito, entendido aqui como “contexto conflitante nas interfaces entre as línguas espanhola e portuguesa”, e não apenas no que tange aos falsos cognatos (palavras, fundamentalmente), mas em outro tipo de construtos e ainda em questões que vão além da mera informação significativa.

Há um número respeitável de dicionários de dúvidas da língua portuguesa e resulta revelador que uma estudante de Mestrado – como Brianezi confessa – nunca tivesse consultado algum deles. Nesse sentido, podemos elencar, resumindo, as contribuições de Sacconi (2005), que oferece um trabalho de índole basicamente gramatical, com especial atenção a questões como regência, concordância, crase, bem como referências pontuais a diferenças sutis de significado entre palavras; de Bechara e Mahmud (2016), que é a segunda edição de um dicionário anterior, também de caráter normativo; ou, enfim, o dicionário de Estrela, Soares e Leitão (2019), na mesma linha conceitual que os anteriores, mas publicado em Portugal.

É abundante a tradição lexicográfica de dicionários e repertórios léxicos de dúvidas em língua espanhola, além do já citado DPD (2005). Um dos mais prestigiosos e reconhecidos é o Dicionário de Dúvidas de Seco (1995), cuja primeira edição data de 1966, e que ganhou uma nova edição mais atualizada e modernizada em 2011. Antes, existia o antecedente da obra de Martínez Amador (1953), com referência em destaque no título às questões gramaticais; posteriormente, o dicionário de Martínez de Sousa (1996), que ganhou sucessivas edições até a 4^a edição corrigida e aumentada (2008). No caso, outorga, apenas no título, importância aos usos, o qual, em parte, questiona o viés normativo antes comentado. Apesar de, pelo teor, continuar sendo normativo, refere-se a exemplos de uma língua atualizada, por exemplo, em relação aos neologismos. Por fim, pouco antes, cabe mencionar a contribuição do grupo editorial Sopena, que lançou seu próprio Dicionário de Dúvidas e Dificuldades (1992), sem referência direta ao(s) autor(es), apesar de o título ser idêntico ao que aparecia na obra de Martínez Amador, publicado pela mesma editora.

Nossa proposta oferece alguns diferenciais. Em primeiro lugar, e sobretudo, trata-se de um repertório léxico contrastivo, isto é, mais abrangente que as experiências monolíngues citadas. Queremos partir dos usos de palavras e expressões das línguas portuguesa e espanhola, especialmente quando entram em contato na mente do falante que possui um certo conhecimento delas e as associa através de processos cognitivos (MIRANDA POZA, 2014; 2015a), questão a qual voltaremos no ponto a seguir.

Em segundo lugar, muito além do caráter estritamente normativo, tentamos oferecer, na nossa proposta de pesquisa, explicações para as dúvidas que possam surgir na compreensão do falante da língua portuguesa quando se depara com a língua espanhola, e que também podem valer no caso do falante de espanhol quando se enfrenta à língua portuguesa. Tais explicações, explanações ou argumentações deverão abranger os diferentes níveis de análise linguística em contextos conflitantes.

Repertórios léxicos de falsos cognatos espanhol-português

Nas interfaces espanhol-português, em especial, se considerarmos as perspectivas comunicativa e interacionista (LEAL, 2010), existem inúmeras dificuldades para os falantes nativos de uma língua que pretendem falar a outra como língua-meta. Tais dificuldades são ainda maiores no âmbito da escrita que na oralidade. A consequência desse fato é que seja comum a manifestação, na produção linguística do falante, da “interlíngua”, entendida aqui em seu mais amplo sentido, seja do ponto de vista estrutural, vinculada à análise de erros (SANTOS GARGALLO, 1993; FERNÁNDEZ, 1997), seja a partir de concepções pré ou plenamente cognitivistas, vinculadas, ao menos em um primeiro momento, ao conceito de “gramática universal” (LICERAS, 1996).

Afirmamos que os fenômenos são tão comuns porque se dá uma inequívoca proximidade formal entre ambas línguas, consequência de sua origem, tronco comum das línguas românicas dentro do ramo indo-europeu (ILARI, 1992; MASIP, 2003; BASSETTO, 2005). Além dessa origem passada comum, as línguas entram em contato não apenas por fatores geográficos e interpessoais: regiões fronteiriças ou de contato comercial – Alonso-Cortés (2015), por exemplo, oferece abundantes exemplos sobre *pidgins* em territórios de intercâmbio comercial – mas também dentro do próprio sujeito, independentemente do contexto

externo, isto é, no âmbito intrapessoal – interessantes as observações vertidas por Rotaetxe Amusatogui (1988) sobre as interfaces castelhano-euskara no País Basco.

Não em vão, Camacho (2013) afirma que a conexão entre a competência individual do falante e a instituição se estabelece através de uma espécie de organização em camadas de diferentes comunidades, que vai dos contatos mais íntimos do sujeito falante até a comunidade imaginária de uma língua. Cabe aqui a pergunta: por que o falante concebe que duas formas linguísticas dadas, pertencentes a duas línguas, formalmente próximas ou não, possuem o mesmo significado nas duas em função da atribuição do princípio de semelhança – percepção que, quando falsa, desencadeia um fenômeno habitual nas interfaces espanhol-português conhecido como “falsos cognatos”?

A pergunta convida a considerar as contribuições que, a propósito da teoria do conhecimento, são resumidas nos princípios de “conhecimento (a)gnóstico” e “conhecimento gnóstico” (ALONSO-CORTÉS, 1989; MIRANDA POZA, 2010b) que o aprendiz de uma língua possui como falante de L1 (português) na sua relação com a L2 (espanhol), e vice-versa. Vale observar, ainda, como se produzem as interfaces no processo de comunicação e interação linguística entre o “conhecimento epistêmico” que possui o aprendiz, isto é, o conhecimento reflexivo que possui da sua própria língua e que transfere para a língua-meta ou L2 (ALONSO-CORTÉS, 1989; MIRANDA POZA, 2010b).

Surge, nesse contexto, a realidade do “portunhol” como produto linguístico oriundo de tal interação comunicativa. Contudo, cabe precisar e delimitar dito conceito, nem sempre adequadamente ponderado, inclusive dentro do âmbito acadêmico. Miranda Poza (2014, p. 23) estabelece até três perspectivas conceituais referidas ao mesmo termo que não deveriam ser confundidas entre si: 1) “Portunhol” entendido como interlíngua desde a perspectiva específica da aprendizagem de uma segunda língua, momento necessário no processo complexo que percorre o aprendiz e que traz consequências na análise dos processos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (SANTOS GARGALLO, 1993); 2) “Portunhol” entendido como um tipo específico de fala ou idioleto que se caracteriza pela espontaneidade, próprio do intercâmbio comunicativo, quando não se dá um domínio ou certo grau de proficiência na língua-meta e entra em contato com a língua materna no interior do próprio sujeito. Essa fala ou idioleto é caracterizado pela mistura inconsciente de termos, expressões e construções da L1

em L2 (MIRANDA POZA, 2009); 3) “Portunhol” entendido como um tipo de *pidgin*, que mistura elementos das duas línguas em regiões fronteiriças, e que pode chegar a converter-se em *créole*, isto é, língua franca nativa no uso, o que, por sua vez, poderia justificar propostas de normatização (BEHARES, 1985; ELIZAINCÍN; BEHARES; BARRIOS 1987). Couto (2007; 2009) propõe uma atitude positiva a respeito deste tipo de variedades, salvando os preconceitos próprios da visão idealista dos fatos linguísticos, herdeira das propostas da Linguística histórica do século XIX, referentes ao problema da mudança linguística. Por fim, caberia à Ecolinguística o estudo das relações da língua com sua ecologia ou meio ambiente.

Não resultará estranha a longa e profícua tradição lexicográfica, e a não estritamente lexicográfica (para a qual caberiam melhor os termos repertório ou estudo) que tenta oferecer produtos que respondam a essa realidade, concebida como necessidade (dúvida) ou explicação ou chamado de atenção a propósito de falsas semelhanças entre as duas línguas, embasadas na aparência de qualquer índole.

Já fizemos menção do produto-piloto, primeiro fruto de um projeto mais amplo, da autoria de Durão et al. (2014). Mas, antes, houve outras contribuições de diferente teor. Algumas delas são caracterizadas pela parcialidade nos objetivos marcados, como denotam os títulos dos dicionários de Leal (1997), *Armadilhas na Tradução*; Monte (2003), *ilustrado, didático*; Fornari (2004), *minidicionário*; ou são reduzidas, atendendo ao número de palavras que contém (FEIJÓO HOYOS; HOYOS ANDRADE, 1992). Outras obras apresentam um certo senso de humor, à maneira de aviso amigável e descontraído destinado ao potencial usuário. Trata-se de obras elaboradas com maior ou menor rigor: Mariano (1999); Mello e Bath (1996); Bechara e Moure (1998); e, sobretudo, Marzano (2002). Finalmente, cabe indicar trabalhos em formato de livro, sem pretensão expressa de ser obra lexicográfica, que recolhem listas de “falsos cognatos”, como o de Masip (2013). Vale a pena, ainda, registrar aqui as palavras de Cruz (2004, p. 635 – tradução nossa) como conclusão de um trabalho a propósito dos dicionários de “falsos cognatos” no ensino de língua estrangeira: “o uso do dicionário de falsos amigos na aprendizagem de ELE, se ele se dá de forma a utilizar o inventário léxico estabelecido de forma contextualizada, levará à integração com outros elementos que formam parte do sistema de conhecimento do aprendiz”.

Em nosso projeto, a proposta consiste numa análise dos verbetes selecionados a partir da perspectiva histórico-comparativa,

trazendo a história da palavra na língua portuguesa e na língua espanhola e oferecendo os fenômenos formais, como a etimologia e a evolução fônico-gráfica, e semântico-pragmáticos que se produziram ao longo da história de cada língua, o que permitirá, de forma panorâmica, observar as causas que provocam o eventual conflito atual, e ainda, uma vez compreendido o fenômeno no percurso do tempo, a eventual “dúvida” ou “curiosidade” ser desvendada.

Desta forma, acrescentamos a abrangência das informações contidas em nosso repertório a respeito do que é habitual para este tipo de dicionários, inclusive naqueles que apresentam um considerável volume de aparato crítico na sua concepção. Confronte-se o que afirma Durão (2015b, p. 201) sobre o teor do seu projeto de dicionário de “falsos amigos”: “Como o DiFAPE não é um dicionário semasiológico, o comentário semântico, em nosso caso, é substituído pelos equivalentes de tradução [entendida como] uma unidade léxica de um idioma diferente”.

A perspectiva histórico-contrastiva na argumentação dos fenômenos linguísticos

298

A elaboração de um dicionário de dúvidas eletrônico/digital nas interfaces espanhol-português nos termos acima expostos exige duas breves reflexões a propósito de dois âmbitos: o que corresponde à Linguística contrastiva e o que se refere à Linguística histórica.

A Linguística contrastiva estuda e compara duas ou mais línguas buscando descrever as diferenças e semelhanças entre elas, tomando em conta os níveis de análise linguística descritos, entre outros, por Alonso-Cortés (2015): fonético-fonológico, morfossintático, semântico-pragmático.

O âmbito da Linguística contrastiva foi proposto por Lado (1953), no caso, associada a determinados aspectos da Linguística aplicada, como interferência linguística, por exemplo. Di Pietro (1971), que continuou os trabalhos no campo da tradução de textos, foi atualizado por Hatim (1997), a partir das contribuições de autores como Heltai (1988) e Hartmann (1991; 1997), na busca de equivalentes lexicais no processo de elaboração de dicionários bilíngues.

O papel da Linguística contrastiva e, inclusive, da Gramática contrastiva nos processos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras foi veementemente defendido por MIRANDA POZA (2010b;

2017). Moreno Pérez é autor de um trabalho que propõe modelos tipológicos de aprendizagem, especificamente, os parâmetros de Baker (2001), para o acesso ao estudo de línguas estrangeiras. Rienda e Nieto Núñez (2018), embasados nas contribuições de Vez Jeremías (2004), frisam o papel da Linguística contrastiva no ensino de línguas estrangeiras, em todos os níveis de análise linguística. Santos Gargallo (1993) destacava o fato de que a Linguística contrastiva constituía um dos ramos da Linguística aplicada, seguindo o postulado por Fisiak (1981). Assim, partindo da base que associa a Linguística aplicada a três âmbitos de estudo, Sociolinguística, Psicolinguística e Etnolinguística, é dentro do segundo, mais concretamente, no campo do ensino de L2 que a Linguística contrastiva encontra o seu âmbito de aplicação específico. Nesse contexto, a aprendizagem de uma segunda língua é uma situação de contato de línguas, na qual se relacionam a língua-base ou língua nativa do aluno (L1) e a língua-meta que vai aprender (L2). Aqui entra em jogo o aspecto interdisciplinar linguístico-psicológico da Linguística aplicada, uma vez que a Linguística contrastiva se interessa pelos efeitos que as diferenças existentes entre a língua-base e a língua-meta produzem na aprendizagem da segunda.

Por fim, Fisiak (1981) relaciona a Linguística contrastiva com a Linguística comparativa, estabelecendo limites e tipos: 1) Linguística Comparativa Histórica, entendida como comparação de várias etapas no desenvolvimento de uma língua; 2) Linguística Tipológica, que classifica as línguas a partir da concorrência de determinadas características; 3) Linguística Comparativa Sincrônica, combinação do estudo contrastivo e tipológico. É no primeiro dos estudos apontados por Fisiak que teria cabida um dicionário de dúvidas e contrastivo, com argumentações de índole histórica, nas interfaces das línguas espanhola e portuguesa.

Para concluir, cabe refletir sobre o papel da História na argumentação linguística embasada no que já foi dito por Miranda Poza (2013; 2014; 2015b; 2017). No caso dos “falsos cognatos”, por exemplo, um dicionário com verbetes explicativos de índole histórica não mostra apenas onde se produzem as falsas semelhanças (ou não) nas interfaces espanhol-português, nem como o problema é analisado nos materiais didáticos nem em listas de equivalências léxicas, seja num dicionário (de equivalências/tradução), seja numa obra que trata sobre o assunto. Temos a convicção de que a pesquisa não deve ficar restrita à detecção de onde os equívocos se produzem, ou, apenas, determinar, através de modernos procedimentos tecnológicos, quais

são os mais recorrentes, isto é, os pares de “falsos amigos” com mais alta frequência de ocorrência nos potenciais discursos dos aprendizes, nas duas direções: quem aprende espanhol a partir do português e vice-versa. O importante é questionar e encontrar um porquê da existência destes fenômenos linguísticos equívocos quando se parte de um étimo comum, mas não exclusivamente, nesse último caso (MIRANDA POZA, 2010).

Quando falamos da elaboração de materiais destinados ao estudo e à reflexão por parte de professores e formadores, é recorrente a insistência de que os temas tratados e o tipo de enfoque estejam caracterizados por um pragmatismo absoluto, um apego ao imediato, em relação ao exercício da profissão em sala de aula. Nesse sentido, concordamos com Ramalho (2011), quando o autor defende a mesma posição crítica e de rejeição apontada Santos (2005, p.138-139) a respeito de concepções utilitaristas da universidade e da pesquisa, segundo as quais “a universidade deveria ser, sobretudo, uma prestadora de serviços à sociedade e tais serviços deveriam proporcionar algum benefício econômico”. Precisamente, é esse um dos perigos a que conduz uma concepção mediatizada da universidade e da pesquisa. Na mesma linha de raciocínio, Pereira (2009, p. 50) descreve a situação atual do saber e do conhecimento em suas relações com a sociedade através da instauração de uma nova relação: o saber como provedor do usuário, consumidor. Trata-se “de um saber-produto, uma mercadoria, um investimento, um processo de disputa e valor comercial da informação, da ciência e da tecnologia, que gera a perda do valor do saber como formador do carácter, da ética e do espírito reflexivo.”

Todo o anterior não resulta trivial no contexto da universidade atual, pois sob o manto de uma suposta (pós-)modernidade e emergência histórico-social – evocamos aqui, apenas como exemplo de outras muitas, as reflexões da coletânea organizada por Moita Lopes (2006) –, os estudos de linguística aplicada marginam uma das perspectivas que proporciona uma explicação dos “fenômenos de natureza propriamente linguística (fonéticos, morfossintáticos, lexicais, etc.)” seguindo aqui literalmente as palavras de Bagno (2016, p. 186). Falamos da perspectiva histórica. Sem dúvida, dita ideologia é valiosa e enriquecedora em si mesma. Porém, quando entendida de forma superficial, considera a ausência de objeto específico dos enfoques de carácter histórico ou apenas daqueles que não percorrem necessariamente o caminho da sociopolítica, daí que a excelsa obra de Faraco (2016) seja exceção. E eis

aí que, para a análise panorâmica do porquê dos fenômenos linguísticos, a visão histórica pode dar respostas precisas à curiosidade intelectual que resulta essencial para um professor, pois oferece o relato da história das duas línguas que nos permite assistir à progressiva diversificação daquilo que na origem foram duas variantes do latim, hoje línguas: espanhol e português.

O futuro da Lexicografia: os dicionários eletrônicos

No mundo atual, o dicionário vai perdendo suas características tradicionais oriundas do formato em papel, com especial destaque para duas questões: a linearidade na apresentação das informações e a possibilidade de inclusão de um número maior delas; e também, seu manuseio, o teor da busca, e a rapidez maior de encontrar o objetivo almejado por parte do usuário. Contudo, Torres del Rey e Fuentes Morán (2013) salientam o fato de que o formato tradicional em papel oferecia um percurso, embora não sempre desejado nem desejável, com certas informações outras, não buscadas inicialmente, mas que, às vezes, revelavam-se como adequadas. O papel do leitor era, então, mais ativo do que se poderia pensar: quando começava a busca, partia de um certo conhecimento prévio, próprio, e não necessariamente lexicográfico, que norteava a busca nesses exatos termos e não em outros. Com a transformação digital, o caráter hipertextual e sua natureza associativa, o valor do dicionário como texto em si é reforçado, uma vez que aumenta o seu valor autorreferencial através dos constituintes que compõem o texto eletrônico, multiplicando, assim, seu potencial descritivo. É evidente que o papel do leitor/usuário perdeu, quando menos, iniciativa.

Apesar das vantagens decorrentes dos formatos eletrônicos/digitais, o dicionário não deve levar à (con)usão com construtos destinados a outras formas de leitura superficiais, no contexto do paradigma atual de consumo rápido de fragmentos de informação. Não podemos conceber os dicionários apenas a partir da necessidade do imediato. Portanto, seu papel não deveria ser semelhante ao de outros instrumentos, como os tradutores automáticos, por exemplo, pois:

O valor principal único [de um dicionário] não é oferecer equivalentes (como no caso dos dicionários bilíngues), mas outros mecanismos de compreensão e uso linguístico: a exemplificação, a descrição, a relação de significados primários e secundários, a categorização, etc. (TORRES DEL REY; FUENTES MORÁN, 2013, p. 240 – tradução e grifos nossos).

Nesse sentido, entendemos que não devemos cair em interpretações utilitaristas, pois, em último termo, o formato digital do dicionário é uma ferramenta, devendo manter as características originárias que justificavam sua existência. Um bom dicionário não é bom pelo fato de ser digital, da mesma forma que um bom cirurgião não se define pelas bondades do seu escalpelo. Devem permanecer os mesmos problemas e dificuldades que a Metalexigrafia confronta no momento de elaborar e conceber um dicionário. Não podemos, enfim, reduzir todo e qualquer dicionário a uma simples ferramenta em função dos novos tempos. Quando Tarp (2019, p. 5 – tradução nossa) se debruça na situação atual da lexicografia, afirma que ela está passando por uma crise de identidade produzida por se tratar de “modelo de negócio obsoleto”. Para ele, as pesquisas na área da lexicografia podem ser aproveitadas no âmbito das novas tecnologias buscando uma visão diferente e integrando os dados lexicográficos em ferramentas, serviços e plataformas de alta tecnologia, por exemplo, um assistente para a correção (automática) da escrita. Pode ajudar, mas o universo lexicográfico não pode ser reduzido apenas a essas aplicações/ferramentas. Eis aqui a ideia, já exposta acima (SANTOS, 2005; PEREIRA, 2009), a propósito de a pesquisa acadêmica criar produtos voltados, sobretudo, às (supostas) demandas da sociedade, agregando, só assim, valor.

O que realmente oferece um repertório léxico em formato digital é uma nova concepção nas buscas, na consulta, pois aumenta exponencialmente os vínculos entre palavras, o que os dicionários em papel não oferecem. Nesse sentido, cabe afirmar que um dicionário digital se ajusta melhor às necessidades e aos interesses do usuário uma vez que a distância entre palavras que vinha marcada pelo formato linear imposto pelo papel acaba e é mediada pelo *link*. É claro que os limites das necessidades e interesses dependerão da especificidade que vem imposta pela tipologia e objetivos de cada dicionário (MILLÁN, 2011). Para cada vínculo entre palavras necessitaremos uma obra diferente, uma vez que os objetivos serão também diferentes.

O fato de já existirem outros dicionários que individualmente apresentam o mesmo tipo – ou aproximado – de informações não é motivo para não empreender um novo trabalho com uma nova proposta, especialmente quando até o presente não houve propostas de um dicionário de dúvidas espanhol-português, com explicações semasiológicas, preferencialmente de índole histórica, em formato

digital. Entendemos que, inclusive no âmbito exclusivo dos dicionários de “falsos-cognatos”, embora não seja esse, em exclusiva, o objetivo do nosso projeto, só a proposta eletrônica tem hoje viabilidade e justificativa.

Metodologia da pesquisa: proposta inicial

Quanto à metodologia a ser desenvolvida na elaboração do dicionário, o *corpus* para o “Repertório léxico” será elaborado a partir dos dados já constantes nas diferentes pesquisas realizadas pela própria equipe de pesquisadores, bem como nos dicionários, monografias e artigos que já foram publicados sobre o tema por outros autores e pesquisadores, cujo respectivo teor foi acima discutido. Ainda, há uma obra fundamental que pode nos ajudar na localização de lemas que geram “dúvidas” na língua espanhola (PAREDES GARCÍA; ÁLVARO GARCÍA; PAREDES ZURDO, 2013), mas apenas no que se refere à própria língua espanhola, sem considerar as interfaces espanhol-português. Contudo, a classificação das “dúvidas” em cinco seções (gerais, pronúncia e ortografia, gramática, léxico, correção-incorreção) pode nortear a elaboração dos artigos dos correspondentes verbetes.

Os itens desse *corpus* documentar-se-ão e cruzar-se-ão com dados provenientes dos exames e provas oficiais de espanhol como língua estrangeira. É sabido que a *Universidad de Salamanca* é a encarregada pela coordenação e supervisão em todo o mundo das provas de proficiência em espanhol como língua estrangeira conducentes ao Certificado de Proficiência em Língua Espanhola – DELE [*Diploma de Español como Lengua Extranjera*], patrocinado pelo Instituto Cervantes e o Ministério da Educação e Formação Profissional – MEC do Governo da Espanha. A *Universidad de Salamanca* possui, não apenas pela coordenação e supervisão dos certificados, mas também pela tradição de ela ser a universidade por excelência dos Cursos Internacionais de Espanhol para Estrangeiros há décadas, bancos de dados oriundos dos exames de idioma nos quais são registradas, estatisticamente, as principais inadequações geradas pelas dificuldades que nos processos de ensino-aprendizagem da língua espanhola são detectadas em função do idioma nativo do candidato, no caso, com foco na língua portuguesa. Os pesquisadores José Luis Herrero Ingelmo, professor titular de Língua Espanhola e atual Diretor dos Cursos Internacionais de Língua espanhola para Estrangeiros, bem como os professores de Filologia Portuguesa da mesma instituição, Pedro

E. Rosa Grincho-Serra, catedrático, e Rebeca Hernández Alonso, titular, e seus respectivos alunos formandos integrar-se-ão à equipe, focando a atenção nas provas do DELE realizados no Brasil e em Portugal.

Como referência complementar, eventualmente serão realizados questionários e enquetes dirigidos a professores de espanhol como língua estrangeira no Brasil, em Portugal e na Espanha, através de formulários Google Forms.

Os dados do *corpus*, uma vez selecionados, serão disponibilizados na base de dados Filemaker, constando a descrição dos campos a serem inseridos: lema em português, lema em espanhol, significado em português, significado em espanhol, categoria gramatical, comentário explicativo – preferencialmente com referências à história da língua, mas não exclusivamente – do problema que gera a “dúvida”, seja ela de índole fônica, morfossintática ou léxico-semântica.

Não é menor a insistência na explicação contrastiva e histórica. Pretendemos explicitar com rigor, no caso, com ajuda das grandes obras da Filologia portuguesa e espanhola, a história das palavras, das expressões, de suas regularidades e irregularidades, das suas categorias gramaticais muitas vezes diferenciadas nas interfaces entre as línguas portuguesa e espanhola, foco das dificuldades e das “dúvidas” que hoje se manifestam na consciência do(a) falante. Através das obras clássicas da Filologia Hispânica (COROMINAS; PASCUAL, 1983), as contribuições da Lexicografia oficial da Real Academia (1930-1936; 1960-1996; 2015-) e da Filologia Portuguesa (CUNHA, 1992; MACHADO, 1995) serão elaborados os artigos de cada lema, bem como outros trabalhos que, através de narrativas, visam à explicação das histórias das palavras na língua portuguesa do ponto de vista histórico: Holanda (2010), Peixoto (2007).

Os resultados serão disponibilizados e publicados, como já foi dito, em um site, de acesso universal, hospedado na página oficial do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. No site, além do “Repertório”, oferecer-se-ão todas as informações do Projeto, dos pesquisadores envolvidos, dos estudantes colaboradores, através de subprojetos atrelados ao projeto principal, bem como bibliografia relacionada com os temas abordados, repositório de materiais em formato pdf para eventual consulta, e informações sobre lusismos na língua espanhola e hispanismos na língua portuguesa.

A modo de conclusão: a relevância e o impacto no desenvolvimento científico e tecnológico de um repertório léxico de dúvidas espanhol-português

Os estudos em língua espanhola, tanto no que diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem, quanto nos trabalhos de pesquisa no campo dos fenômenos linguísticos “propriamente ditos” (BAGNO, 2006, p. 186) não se debruçaram na elaboração de um dicionário de dúvidas contrastivo. Há diversos trabalhos que discutem e analisam problemas como os falsos amigos em forma de dicionários essencialmente onomasiológicos (DURÃO et al., 2014), ainda em elaboração, e até o presente com um volume publicado, oriundo, por sua vez, de vários trabalhos parciais, bem como outras obras e dicionários parciais –por exemplo, o texto de Masip (2013), limitado, em essência, a listas de palavras heterossemânticas e heterogenéricas, que se une a outros textos e dicionários que focam o interesse apenas nos eventuais equívocos, às vezes, buscando certa ironia ou senso de humor, e não explicando, de forma rigorosa e científica, no caso, histórico-contrastiva, o porquê desses equívocos. Com a exceção dos corretores de texto, não existia, até o momento presente, um repertório léxico contrastivo oferecido em suporte digital, que representa o futuro dos dicionários (MILLÁN, 2011; TORRES DEL REY; FUENTES MORÁN, 2013).

Por sua vez, o nosso “Repertório léxico digital”, pela sua própria natureza, ocupará um espaço no campo dos dicionários de dúvidas, mas não referidos de forma unilateral à língua espanhola ou à língua portuguesa, a exemplo do *Diccionario Panhispánico de Dudas* (2005), da Real Academia Espanhola, ou do *Dicionário de Dúvidas, Dificuldades e Subtilezas da Língua Portuguesa*, de Estrela, Soares e Leitão (2019) respectivamente, mas de forma contrastiva.

Entendemos que as explanações acima justificam a socialização da problematização conceitual prévia à execução de um projeto de elaboração de um repertório léxico digital de dúvidas espanhol-português veiculado num número temático sobre dicionários e ensino numa revista científica brasileira bem conceituada.

Referências

- AL-KASIMI, A.M. **Linguistics and Bilingual Dictionaries**. Leiden: Brill, 1977.
- ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 1993.

ALONSO-CORTÉS, A. Algunos supuestos fundamentales de la Teoría Lingüística. In: A. Alonso-Cortés, **Lecturas de Lingüística**. Madrid: Cátedra, 1989, p. 13-30.

ALONSO-CORTÉS, A. **Lingüística**. Madrid: Cátedra, 2015.

BAGNO, M. Para desmistificar a história da língua portuguesa. Resenha: FARACO, C.A. História sociopolítica da língua portuguesa, São Paulo: Parábola Editorial, 2016. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 58 v. 1, p. 185-192, jan./abr. 2016.

BAKER, M. **The Atoms of Language**. The mind's hidden rules of grammar. New York: Basic Books, 2001.

BASSETTO, B.F. **Elementos de Filologia Românica**. São Paulo: Edusp, 2005.

BECHARA, E.; MAHMUD, S. **Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BECHARA, S.F.; MOURE, W.G. ¡Ojo! con los falsos amigos. Dicionário de falsos cognatos em espanhol e português. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

BEHARES, L.E. **Planificación lingüística y educación de la frontera uruguaya con Brasil**. Montevideo: Instituto Iberoamericano del Niño, 1985.

BRIANEZI, D.I. **O Dicionário Panhispânico de Dudas em questão: dúvida, regulação e memória**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-26052014-103401/> Último acesso em: 21/07/2020.

CAMACHO, R.G. **Da Linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CELADA, M.T.; COSTA, M.; BRIANEZI, D. Sobre el funcionamiento de ciertos preconstruidos en los títulos de diccionarios de lengua española. Las marcas de una historia. **Línguas e Instrumentos linguísticos**, n.3 6, p. 267- 291, jul-dez 2015.

COROMINAS, J.; PASCUAL, J.A. **Diccionario Crítico-Etimológico Castellano e Hispánico**. 6 vols. Madrid: Gredos, 1983.

COUTO, H.H. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, H.H. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

CRUZ, M.L.O.B. Diccionario de falsos amigos (español-portugués / portugués-español): propuesta de utilización en la enseñanza del español a los luso hablantes. **Actas del XV Congreso de ASELE**. Las Gramáticas y los diccionarios en la Enseñanza del Español como Segunda Lengua: Deseo y Realidad. Sevilla, 22-25 de septiembre de 2004. Sevilla: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 2004, p. 632-637.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico**. Rio: Nova Fronteira, 1982.

Diccionario Sopena de Dudas y Dificultades del idioma. Barcelona: Sopena, 1992.

DI PIETRO, R.J. **Languages structures in contrast**. Rowley, Mass.: Newbury House, 1971.

DURÃO, A.B.A.B. Princípios metalexigráficos adotados em um dicionário de falsos amigos português-espanhol. **Revista da ABRALIN**, v. 14, p. 167-206, 2015a.

DURÃO, A.B.A.B. Projeto metalexigráfico do Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol (DIFAPE). **Cadernos de Tradução (UFSC)**, v. 35, p. 192-209, 2015b.

DURÃO, A.B.A.B.; DURÃO, A.B. Programa de informações microestruturais do Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol (DIFAPE). **Revista Trama**, v. 12, p. 3-24, 2016.

DURÃO, A.B.A.B. et al. **Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol**, v.1 (A-D). Florianópolis: Editora Insular, 2014.

ELIZAICÍN, A.; BEHARES, L.; BARRIOS, G. **Nos falemo brasileiro**. Montevideo: Amesur, 1987.

ESTRELA, E.; SOARES, M.A.; LEITÃO, M.J. **Dicionário de Dúvidas, Dificuldades e Subtilezas da Língua Portuguesa**. Lisboa: Edições D. Quixote, 2019.

FARACO, C.A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FEIJÓO HOYOS, B.L.; HOYOS ANDRADE, R.E. **Dicionário de falsos amigos do espanhol e do português**. São Paulo: Embajada de España - Consejería de Educación / Scritta, 1992.

FERNÁNDEZ, S. **Interlengua** y análisis de errores en el aprendizaje de español como lengua extranjera. Madrid: Edelsa, 1997.

FISIAK, J. (Org.) **Contrastive Linguistics and the Language Teacher**. Oxford: Pergamon, 1981.

FORNARI, C. **Minidicionário antiportunhol**. Conheça melhor o espanhol. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2004.

HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH G.; WOLF, L; ETTINGER, S; WERNER, R. **La lexicografía: De la lexicografía teórica a la lexicografía teórica**. Madrid: Gredos, 1982, p. 95-187.

HAENSCH, G. Reseña. Diccionario Panhispánico de dudas. Madrid: Real Academia Española, Asociación de Academias de la Lengua Española, Santillana Ediciones Generales, 2005, **Revista de Filología**, n. 12, p. 267-270, 2006.

HARTMANN, R.R.K. Contrastive linguistics and bilingual lexicography. In: F.J. Hausmann; O. Reichmann; H.E. Wiegand; L.Zgusta (Org.) **Wörterbücher /**

Dictionaries / Dictionnaires. Ein internationales Hanbusch zur Lexikographie / Na International Encyclopedia of Lexicography / Encyclopédie internationale de lexicographie. Berlin – New York: Walter de Gruyter, 1991, vol. III, p. 2854-2859.

HARTMANN, R.R.K. From contrastive textology to parallel text corpora: Theory and applications. In: R. Hickey; S. Puppel (Org.) **Language History and Linguistic Modelling.** A Festschrift for Jankó Fisiak on his 60th Birthday. Volume II. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997, p. 1973-1987.

HATIM, B. **Communication across Cultures.** Translation Theory and Contrastive Text Linguistics. Exeter: University of Exeter Press, 1997.

HAUSMANN, F.J. Lexikographie. In: SCHWARZE, C.; WUNDERLICH, D. (org.) **Handbuch der Lexikologie.** Königstein / Ts.: Athenäum, 1985, p. 367-411.

HELTAI, P. Contrastive analysis of terminological systems and bilingual technical dictionaries. **International Journal of Lexicography**, n.1, p. 32-40, 1988.

HOLANDA, R.N. de. **Palavras, origens e curiosidades.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2010.

ILARI, R. **Linguística Românica.** São Paulo: Ática, 1992.

LADO, R. **Linguistics across Cultures.** Applied Linguistics for Language Teachers. Michigan: University of Michigan Press, 1957.

LEAL, C.B. **Dicionário de falsos amigos.** Armadilhas na tradução do espanhol para o português. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1997.

LEAL, V. Introdução à Linguística. In: LUCIANO, D.T.; PIRES, C.L. (Org.) **Dimensão transdisciplinar na formação do professor.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010, p. 85-147.

LEFFA, V.J. O uso do dicionário eletrônico na compreensão de texto em língua estrangeira. XI Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Computação. Santos, Agosto de 1991. **Anais.** São José dos Campos: INPE, p. 187-200, 1991.

LEFFA, V.J. O uso de dicionários on-line na compreensão de textos em língua estrangeira. Trabalho apresentado no **VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada.** Belo Horizonte: UFMG, 7-11 outubro de 2001. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/dicionario.htm>. Último acesso em: 21/07/2020.

LEFFA, V.J. (Org.) **As palavras e sua companhia:** o léxico na aprendizagem de línguas. Pelotas: Educat, 2000.

LICERAS, J.M. **La adquisición de segundas lenguas y la gramática universal.** Madrid: Síntesis, 1996.

MACHADO, J. P. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** Lisboa: Horizonte (5 vol). 1995.

MALKIEL, Y. Distinctive Features in Lexicography. A Typological Approach to Dictionaries Exemplified with Spanish. **Romance Philology**, v. XII, n. 4, p. 366-399, 1959a.

MALKIEL, Y. Distinctive Features in Lexicography. A Typological Approach to Dictionaries Exemplified with Spanish. **Romance Philology**, v. XIII, n. 5, p. 111-155, 1959b.

MALKIEL, Y. A Typological Classification of Dictionaries on the Basis of Distinctive Features. In: F. Householder; S. Saporta, (org.) **Problems in Lexicography**. Report of The Conference on Lexicography Held at Indiana University. November 11-12, 1960. 2ª ed. Bloomington/The Hague, 1967, p. 3-24.

MARIANO, G. **¡Muy amigo!** Um guia do espanhol para escapar das armadilhas do portunhol. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

MARTÍNEZ AMADOR, E. **Diccionario gramatical y de dudas del idioma**. Barcelona: Sopena, 1953.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. **Diccionario de Lexicografía práctica**. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. **Diccionario de usos y dudas del español actual**. 4ª ed. corregida y ampliada. Gijón: Ediciones Trea, 2008.

MARZANO, F. **Como não ficar “embarazado” em espanhol**. Dicionário Espanhol-Português de falsas semelhanças. Rio de Janeiro: Campus / Elsevier, 2002.

MASIP, V. **Gramática histórica portuguesa e espanhola**. Um estudo sintético e contrastivo. São Paulo: EPU, 2003.

MASIP, V. **Armadilhas da língua espanhola**. “Falsos amigos”, convergências, divergências, ambigüidades, equívocos. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

MILLÁN, J.A. El diccionario oculto. Gloria y descripción del diccionario en la era digital. Disponível em: jamillan.com/librosybitios/gloriaydes.htm Último acesso em: 25/07/2020.

MIRANDA POZA, J.A. Lexicografía aplicada a la enseñanza-aprendizaje de lenguas. **Cuadernos del Lazarillo**, n. 6, p. 35-44, jul-dez 1994.

MIRANDA POZA, J.A. El español en Brasil. **Háblame. Especialistas en Español**, n. 6, p. 14-17, 2009.

MIRANDA POZA, J.A. La universidad ante los desafíos de la enseñanza del español en Brasil. **Eutomia**, Recife, n. 10, v. 1, p. 147-169, 2010a.

MIRANDA POZA, J.A. Gramática y enseñanza de ELE en Brasil. El alcance del cognitivismo y la importancia del abordaje contrastivo. **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**, n. 20, 2010b, p. 39-50.

MIRANDA POZA, J.A. Español y portugués en contraste: Falsos amigos, Historia de la lengua, Campo léxico, Semántica de prototipos. **Revista Iberoamericana de Lingüística**, n. 8, p. 75-115, 2013.

MIRANDA POZA, J.A. **Propuesta de análisis de Falsos Amigos en español y**

portugués: Diacronía, Campo Léxico y Cognición (Semántica de los Prototipos). Valladolid: Editorial Verdelís, 2014.

MIRANDA POZA, J.A. De la Lingüística Social a la Ecolingüística: Contacto de lenguas, Interlengua y Portuñol. In: FUENTE BALLESTEROS, R.; BORA, Z.M.; ESTÉVEZ, F. (Org.) **De Ecocrítica y "Animalia"**. Valladolid: Universitas Castellae / Asociación I. Iberoamericana de Literatura y Ecocrítica, 2015a, p. 169-193.

MIRANDA POZA, J.A. El enfoque histórico en el análisis de falsos cognados en español y portugués. A propósito del par "sucesso" / "sucesso". **Leitura**, n. 56, v. 2, p. 133-151, jul/dez 2015b.

MIRANDA POZA, J.A. Enseñanza de ELE, universidad y formación de profesores en el 10º Aniversario de la Ley 11.161/2005: otras miradas, nuevas perspectivas. **Abehache** – Edição Especial, n.10, v. 1, p. 34-53, 2016.

MIRANDA POZA, J.A. **En torno a la palabra: Sentido y forma.** Estudios de Lexicografía y Lexicología. Madrid: Wisteria Ediciones, 2017.

MIRANDA POZA, J.A. La enseñanza del español para fines específicos (turismo) en el contexto sociopolítico de la universidad brasileña hoy: reflexiones críticas y propuestas de trabajo. In: MOREIRA, G.L.; FERNÁNDEZ, G.E. (org.) **Enseñanza del español con fines específicos. El caso de la carrera de Turismo. Teoría y práctica.** Madrid: Secretaría General Técnica del Ministerio de Educación y Formación Profesional, 2019, p. 188-207.

MIRANDA POZA, J.A. et al. **Lexicografía e Lexicologia aplicadas ao ensino de línguas.** Recife: Bagaço, 2009.

MELLO, T.; BATH, S. **Amigos traiçoeiros.** Coletânea de falsos amigos e outras peculiaridades da língua espanhola para brasileiros. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

MOITA-LOPES, L.P. (Org.) **Por uma Linguística aplicada (in)disciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MONTE, J.B. **Dicionário ilustrado:** falsas semelhanças espanhol-português. Fortaleza: Didáticos, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, F. El español em Brasil. In: SEDYCIAS, J. **O Ensino do Espanhol no Brasil:** passado, presente, futuro. São Paulo: Parábola, 2005, p. 14-34.

MORENO PÉREZ, F. Hacia la contrastividad lingüística. **Onomázein**, n. 15, p. 101-128, 2007.1

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

PAREDES GARCÍA F.; ÁLVARO GARCÍA, S.; PAREDES ZURDO, L. **Las 500 dudas más frecuentes del español.** Barcelona: Instituto Cervantes / Espasa, 2013.

PEIXOTO, F.B. **O interior das palavras:** Glossário etimológico. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

PEREIRA, E.M.A. A universidade da modernidade nos tempos atuais. **Avaliação**, n. 14, v. 1, p. 29-52, 2009.

RAMALHO, M.B. **El papel de las universidades brasileñas en la formación de profesores de español como lengua extranjera**. Barcelona: Facultat de Filologia. Departament de Filologia Hispànica, Universitat de Barcelona, 2011. Disponível em: <http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/35050> Último acesso em: 23/07/2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario Histórico de la Lengua Española**. (1933-1936). Madrid: 1936. Disponível em: <http://web.frl.es/DH1936.html> Último acesso em: 26/07/2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario Panhispánico de dudas**. Madrid: Real Academia Española, Asociación de Academias de la Lengua Española, Santillana Ediciones Generales, 2005. Disponível em: <https://www.rae.es/dpd/> Último acesso em: 26/07/2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario Histórico de la Lengua Española**. Madrid: 1960. Disponível em: <http://web.frl.es/DH.html> Último acesso em: 26/07/20.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nuevo Diccionario Histórico del Español – NDHE**. (2015-) Edición digital. Disponível em: <https://www.rae.es/obras-academicas/diccionarios/nuevo-diccionario-historico-del-espanol> Último acesso em: 26/07/2020.

RIENDA, J.; NIETO NÚÑEZ, N.M. Lingüística contrastiva y lenguas cognadas en el contexto del aula de ELE en Brasil. **Porta linguorum**, n. 30, p. 103-115, 2018.

ROTAETXE AMUSATEGUI, K. **Sociolingüística**. Madrid: Síntesis, 1988.

REY-DEBOVE, J. Les limites de l'application de la linguistique à la lexicographie (dictionnaires de langue monolingues). **Babel**, n. 14.1, p. 25-29, 1970.

SANTOS, E.F. **O ensino superior no Brasil e os acordos MEC-USAID: o intervencionismo norte-americano na educação brasileira**. Maringá: Universidade Estadual do Maringá, 2005.

SANTOS GARGALLO, I. **Análisis Contrastivo, Análisis de Errores e Interlengua em el marco de la Lingüística Contrastiva**. Madrid: Síntesis, 1993.

SECO, M. **Diccionario de Dudas y Dificultades de la lengua española**. Barcelona: Espasa-Calpe, 1995.

SECO, M. **Nuevo Diccionario de Dudas y Dificultades de la lengua española**. Barcelona: Espasa, 2011.

STANOVICH, K.E. Toward an Interactive-Compensatory Model of Individual Differences in the Development of Reading Fluency. **Reading Research Quarterly**, v. 16, n.1, p. 32-71, 1980.

SOUZA, F.M.; SANTOS, G.F. **Velhas práticas em novos suportes? As Tecnologias digitais como mediadoras do complexo processo de ensino-aprendizagem de línguas**. 2ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Mentis Abertas, 2019.

SOUZA, I.P.; DURÃO, A.B.A.B. Repertório lexicográfico bilíngue contrastivo Português-Espanhol de expressões idiomáticas formadas a partir de nomes de alimentos. **Guavira Letras**, v. 15, p. 82-97, 2019.

TORRE DEL REY, J.; FUENTES MORÁN, T. Diccionarios electrónicos: (re) estructuras de acceso. In: J.A. Cordón García; R. Gómez Díaz; J. Alonso Arévalo (Org.) **Documentos electrónicos y textualidades digitales**. Nuevos lectores, nuevas lecturas, nuevos géneros. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p. 237-246.

TARP, S. La ventana al futuro: Despidiéndose de los diccionarios para abrazar la Lexicografía. **RILEX** – Revista sobre investigaciones léxicas, n. 2, v. II, p. 5-36, 2019.

VEZ JEREMÍAS, J.M. Aportaciones de la lingüística contrastiva. In: J. Sánchez Lobato; I. Santos Gargallo (Org.) **Vademécum para la formación de profesores**. Enseñar español como segunda lengua (L2) / lengua extranjera (LE). Madrid: SGEL, 2004, p. 147-163.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WELKER, H.A. **Dicionários**. Uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

ZGUSTA, L. **Manual of Lexicography**. The Hague / Paris: Mouton, 1971.